



## JOSÉ BONIFÁCIO

OSWALDO ORICO.

A independência do Brasil é o resultado do conselho de um sábio e da rebeldia de um príncipe.

Sem um ou sem o outro, a operação haveria sido maior e talvez menos feliz.

Nem sempre os que madrugam são os que conseguem colher os frutos na colheita do dia.

Quando Gonçalves Ledo, — a pena que melhor pregou a emancipação da América portuguesa, — procurava transformar uma colônia em uma pátria, José Bonifácio estudava em Portugal a nomenclatura dos cristais e a fidelidade aos reis.

Não obstante, quis a história que o papel decisivo no desenlace do grito do Ipiranga, fôsse desempenhado pelo sábio de Coimbra, e não pelo agitador da Maçonaria.

José Bonifácio passou a ser o Patriarca; Gonçalves Ledo não seria mais que um apóstolo.

Escritores de tendência nacionalista tentam retificar, hoje, os rumos da história, fazendo com que a paixão do polemista e o fogo do agitador sobrepujem o raciocínio do mestre e a advertência do Ministro.

Procuram derrubar José Bonifácio da cômoda situação de Patriarca (de onde enviou ao Príncipe D. Pedro a carta que criou o Império), para oferecê-la à glória vigilante de Gonçalves Ledo.

Trabalho árduo e, quiçá, inútil; porque a memória dos povos vive mais da fé nos historiadores do que da confiança nos artistas.

Assim, José Bonifácio continua sendo, nos anais da Independência brasileira, o Patriarca de fato, ainda que lhe queiram negar a faculdade de sê-lo de direito.

Nascido em Santos, o grande pôrto de mar de São Paulo, quando aquela cidade tinha uma população que não atingia a duas mil almas, desde sua infância revelou uma inteligência curiosa e viva.

Seus pais, donos da segunda fortuna da cidade, decidiram educar o menino, como convinha à sua posição. Ele era uma promessa. Deram-lhe a instrução que o meio permitia. Para ir mais longe, era forçoso enviá-lo a São Paulo, onde o Bispo D. Frei Manuel da Ressurreição se encarregaria de abrir-lhe os olhos ante os compêndios da lógica, metafísica, retórica e francês.

A riqueza conspirou contra a formação intelectual de José Bonifácio, impedindo-o, desde cedo, do contacto com o mundo. Recebeu a instrução esmerada e cuidadosa dos agraciados da fortuna. Intoxicou-se com as disciplinas que constituíam as prendas de espirito dos rapazes ricos.

Seus pais, que sonhavam ter um "doutor" na família, nunca imaginaram que um dia poderia êle livrar-se da retórica e das matemáticas e converter-se no conselheiro da realza, para a tarefa revolucionária de decidir a independência de um povo.

Enquanto Gonçalves Ledo se preparava, na rua, auscultando os ecos, sentindo as reações inevitáveis do meio, José Bonifácio vivia entre livros, entregava-se à ciência, ganhando, entre minerais e cristalizações, as primeiras vitórias.

A medida que o primeiro se acercava da revolução econômica e social brasileiro, o outro se afastava de sua realidade política, absorvido pelas seduções da cátedra e a paciência dos laboratórios.

Em 30 de outubro de 1783 se matricula na Faculdade de Direito de Coimbra. Um ano depois, inicia os estudos de Matemática e Filosofia.

A paixão pelo estudo não lhe deixa tempo para meditar em problemas que constituem a preocupação constante do espirito de Gonçalves Ledo. Ao que êle aspira não é o contacto com as multidões, senão a convivência dos livros. Via para ilustrar-se. É um caçador de conhecimentos, um enamorado da cultura. Logo se converterá num sábio.

Em março de 1789 é nomeado sócio livre da Academia de Ciências de Lisboa. Reparte todo o seu tempo entre as letras e as ciências, convertendo-se em uma das figuras de maior prestígio intelectual entre os homens de seu tempo. As tribunas das Universidades e os salões das Academias conservam, todavia, o eco de suas lições e a recordação de suas páginas.

Vitoriosa a idéia do Duque de Lafões, sobre a conveniência de enviar, periodicamente, ao estrangeiro, os jovens que mais se distin-

guissem por seus estudos e aplicação nos cursos universitários, José Bonifácio é um dos valores selecionados e comissionado com Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Joaquim Pedro Fragoso para uma excursão científica pela Europa. Sai com uma "Instrução" do governo português, espécie de rota intelectual mencionando os lugares onde deveria permanecer e os professores que devia escolher para mestres.

Tudo isso aferrava cada vez mais à cultura o bisonho aprendiz paulista. Seu itinerário pela França foi uma constante renovação de conhecimentos. Assistiu aos cursos mais notáveis de sua época, praticou nos laboratórios mais famosos do momento e desceu às minas onde os técnicos costumavam fazer a anatomia da terra. Assistiu a tudo isso e a algo mais. A algo mais com o que não contava, e que deveria ter deixado em seu espirito uma fecunda semente: diversos atos de Revolução Francesa.

Apesar de seus compromissos com a cultura, sobrava-lhe tempo para entregar-se a devaneios amorosos, como é fácil de comprovar pelas numerosas notas que ia escrevendo diariamente.

Bebeu a lição dos livros, porém, bebeu, também, a lição do mundo. Encerrou-se em bibliotecas, mas também, correu cidades. Visitou Rouen. Mandou encadernar livros. Entregou-se em mãos dos alfaiates. E destacou-se entre os admiradores de certa florista pela pontualidade com que ia ver os lírios de suas jarras e as rosas de seu rôsto. Paris ensinou-lhe uma nova lição: que a ciência e o gozo não são incompatíveis: que a arte de saber não exclui a arte de viver: e que o melhor relógio é aquêle que assinala as horas de estudo e as horas de amor.

Paris foi para êle uma aula e uma revolução. Teria ouvido, seguramente, por mais tempo as preleções da cidade, se a "Instrução" do governo português não fixasse, com a severa impertinência de suas normas, o limite de cada estância. Quando a rota universitária esgotou-se até o último grão de areia

destinado a Paris, José Bonifácio e seus companheiros partiram. Freiberg, na Saxônia, integrou o jovem brasileiro na atmosfera dos laboratórios. As lições de Werner, na Escola de Minas, fizeram-lhe esquecer os lírios e as rosas. O sábio que mais havia de influir em sua carreira científica, afastava de seu coração, como se fôsse uma "jaça", a recordação da florista de Paris.

As viagens se sucedem. Visita as minas da Noruega e da Suécia. As emprêsas européias, deslumbradas por seus conhecimentos, lhe oferecem cargos de importância técnica. Recusa-os. Regressa a Portugal em 1800. Cresce, de hora em hora, sua fama de sábio. As mais importantes sociedades científicas do Velho Mundo escrevem seu nome em suas listas. Um ano depois, a Universidade de Coimbra, de onde fôra estudante, o reconhece publicamente como Mestre, dando-lhe a oportunidade de exercer a cátedra de Metalurgia. Pouco depois, o Governo português o nomeia Intendente Geral das Minas e Metais do Reino e membro do Tribunal de Minas. Chega ainda jovem ao cume da carreira, porém leva consigo o ar fatigado dos sábios. Estudou mais do que viveu. Seus íntimos o retratam deste modo: "baixo e delgado, com um rosto pequeno e redondo, em que se destacava o nariz curvo, com alguma coisa de aristocrático, olhos negros, miudos, porém, brilhantes, cabelo negro, fino e liso". Sua capacidade de trabalho e provada competência o preparam para exercer os mais difíceis cargos técnicos.

Chamam-no para missões de elevada confiança e responsabilidade, porém seus conhecimentos não conseguem alargar-se em virtude da insólita burocracia portuguesa, confinada na rotina e acostumada à comodidade das funções.

É difícil para ele transformar a ciência em ação. Convencido da inutilidade de seus esforços, pensa em regressar ao Brasil. Havia dedicado a Portugal o melhor de sua juventude, oferecendo-a à Universidade, onde alcançou a cátedra, e ao exército português, onde chegou à graduação de comandante, sendo

consagrado o seu valor militar pelo Marechal Beresford.

O desejo de regressar encontra resistência. Por isso se transforma em sonho. Não consegue realizar imediatamente seus desejos. A vinda da família real para o Brasil conduz ao outro lado do Atlântico os seus melhores amigos. Havia ficado em Lisboa uma burocracia vigilante e hostil, que criava dificuldades a todos os seus projetos. Escreve várias cartas a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de cuja estima pode esperar um apoio. Suas palavras são melancólicas. Nenhuma aspiração grandiosa. Deseja, apenas, terminar pacificamente seus dias no silêncio dos bosques brasileiros. Aguarda a hora de sair de Portugal, a cujo serviço encanecera sua frente de sábio. Essa hora não chegará, todavia, senão depois de uma prova. Dura prova. Os portugueses não lhe concedem passaporte, nem o deixam sair de viagem enquanto não prove, por meio de "certificados competentes", que nada usurpou, nada malbaratou, e que os bens públicos confiados à sua direção e probidade nada sofreram. Só depois dessa prova — que foi um alívio para o Fisco e uma ofensa para o sábio — consegue passaporte. Pagam-lhe assim os serviços que havia prestado à administração e o brilho que dera à cátedra.

Antes de regressar, outro problema, e de maior delicadeza, porque encerrava a responsabilidade de seu caráter e a ternura de seu afeto, reclama uma solução. O sábio viaja com sua esposa, Dona Narcisca O'Leary de Andrada; porém, seu coração não pode deixar em Portugal uma criança, Narcisca Cândida, que era o fruto de um amor insopitado. Como levá-la? De que maneira justificaria o ato? Um drama íntimo aperta o coração do Mestre. O sábio começa a transformar-se em herói. Não podia, não devia separar-se da menina. Confessa tudo à sua esposa. E a cena termina como terminavam, antigamente, as novelas, e hoje, terminam no cinema, as situações irremediáveis: — com o perdão e um beijo de amor. Trinta e seis

anos de sua vida foi o legado de José Bonifácio à Europa. Dêsses trinta e tantos anos, vinte e seis os dedicou a Portugal, ao estudo, à investigação, ao trabalho, à ciência e às letras.

Apesar disso, saiu de lá mais como um réu do que como um sábio. No balanço que teve de apresentar, a Metrópole não quis saber se havia servido à sua cultura. Exigiu, apenas, que provasse que não havia lesado ao erário público.

Ao voltar ao Brasil, que abandonou tão cedo, encontrou um Brasil diferente. Havia deixado uma colônia. Vinha encontrar uma Nação. Durante os anos em que a família real portuguesa havia se refugiado no Rio de Janeiro, tudo se modificou. Tudo, não. Viu ainda pelas portas o vergonhoso mercado de escravos. Seu espírito lúcido rebelou-se ante uma economia fundada no trabalho cativo. Sua educação européia sonhava com uma sociedade civil, cuja base fôsse a justiça social e cujo fim vislumbrasse a felicidade dos homens. De todos os homens. E via que alguns dêes, por terem a pele negra, eram considerados como simples mercadorias. Por outro lado, seus estudos o conduziam sempre a imaginar uma "nação homogênea", capaz de elaborar por si mesmo sua economia, transformando seu solo em cidades e sua riqueza em ação. Como "paulista", apesar de ausente durante muitos anos, tinha alma de um "adalid".

Apesar de regressar, apenas, com o propósito de ser testemunha e não autor, não resistiu à sedução das funções públicas. Sua cultura e experiência se viram cortejadas a cada passo. Em vez de retirar-se à obscuridade das selvas brasileiras, saindo da cena, passou ao primeiro plano dos acontecimentos, solicitado para diversas funções em que sua celebridade o prestigiava, dando-lhe força na opinião pública. Portugal se movia dificilmente no mapa da Europa. Estava saqueado, débil, quase na miséria, por três invasões francesas. O mesmo fenómeno da Metrópole, que excitava o pronunciamento das colônias espanholas da América, levando-as a re-

be'ar-se contra o jugo peninsular, insuflava os ímpetos da colônia portuguesa. Vislumbravam-se no horizonte político do Brasil os primeiros sintomas de rebeldia. Surgiam os chefes revolucionários.

Em 1820, poucos meses depois do movimento de Cadiz, havia uma insurreição no Pôrto, com reflexos sôbre a colônia, que estava, então, na alvorada de sua soberania. No dia 1 de janeiro de 1821 formou-se no Pará o primeiro Governo inspiado na revolução portuguesa. Viu-se o período preliminar das Constituições, espécie de debate legal da Revolução.

José Bonifácio se associa ao movimento e lha dá a contribuição de seu estilo, hostil à violência, refratário ao tumulto. No primeiro Governo de São Paulo seu nome é aclamado para o posto de Vice-Presidente, depois da indicação, feita pelo mesmo, do nome do antigo Governador, João Carlos Augusto Oyhhausen, para a Presidência.

A grande preocupação da política portuguesa era freiar o entusiasmo da soberania nascente e voltar a recolonizar um Brasil que se emancipava, gradualmente, de sua tutela.

A luta principal era travada para conseguir que o Príncipe Regente regressasse à Metrópole, unindo-se à disciplina dos interesses da Corôa. Os decretos que chegavam das Côrtes produziam um efeito contraproducente sôbre a moral da colônia. Em vez de rebaixá-la, elevava-a. Determinaram êles, sem dúvida, o clima favorável ao pronunciamento e à decisão. A independência norte-americana havia sido, também, uma consequência das Cartas Reais Ingêlasas. Sem a impertinência destas, Washington teria estado algum tempo mais em seu refúgio patriarcal, retardando, assim, a capitulação do domínio estrangeiro.

Os decretos das Côrtes de Lisboa foram, indubitavelmente, a chama no palheiro da soberania brasileira. Poucas pessoas aceitavam a ficção de uma cidadania precária, ameaçada por uma assembléa rancorosa. Ninguém se conformava com a vigilância das tropas portuguesas e

em ficar dependendo de governadores militares, diretamente nomeados em Lisboa. Com isso desapareceria a regência de D. Pedro, ao qual fôra já notificado que permanecer no Rio de Janeiro era "não só desnecessário, mas, inclusive, indecoroso para sua alta hierarquia".

Inicialmente indeciso, o Príncipe começa a fazer preparativos para regressar à Metrópole. Com o correr do tempo, reconsidera sua atitude e espera. Não conhecia, entretanto, o solo em que fermentava uma revolução que havia de dar à independência um caráter enérgico e nacional. A Maçonaria, à frente de tudo, abria caminho. No Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas, o movimento era animador. E nas demais Províncias? Faltava saber se o resto do país se solidarizava com a idéia.

José Bonifácio advinhou esse estado de alma coletivo, do que não existia, até então, um gráfico exato.

Em sua mesa de trabalho, auscultando o coração da Pátria, escreve a D. Pedro uma carta que não deixa lugar a dúvidas: — ou ficava no Brasil, opondo-se abertamente aos decretos e intimações das Côrtes portuguesas, ou "perderia para o mundo a dignidade de homem e de Príncipe".

Em 1 de janeiro de 1822 S.A. lê a carta de seu Conselheiro. Agradalha a advertência. Preferia, intimamente, ficar, sendo senhor, do que ir e converter-se num prisioneiro. Apesar da satisfação que experimentara com a leitura da carta, não deu resposta imediata, isto é, não se definiu. Deixou que a carta circulasse por toda a cidade e foi contempORIZANDO.

Poucos dias depois, José Bonifácio era nomeado Ministro do Reino e do Estado. A notícia lhe foi comunicada pela primeira esposa do Príncipe, Dona Leopoldina Carolina, cujas simpatias pela causa nacional escrevem seu nome na história da independência brasileira.

Para assumir o cargo, estabelece José Bonifácio as condições em que o aceitará. Essas condições o situam magnificamente na crônica dos acontecimentos, revelando o político hábil, enérgico e oportuno,

que sabe aproveitar a hora para exercer a ação. Fazia-se necessário evitar, de qualquer maneira, alterações de ordem pública, tanto mais quando as tropas portuguesas aguardavam o menor pretexto para intervir. O Ministro toma, imediatamente, duas decisões fundamentais: — uma, ordenando que não chegasse a nenhum despacho qualquer lei oriunda de Portugal, sem ser submetido antes, à apreciação de Sua Alteza: outra, convidando todos os governos provisórios a unir-se à regência de D. Pedro.

Eram dois golpes certos para garantir a unidade do país em torno do Príncipe, se ele se pusesse a serviço da soberania.

Outros atos e palavras de José Bonifácio confirmam sua vocação política, acertada pelo relógio da oportunidade, para fazer soar no momento exato, também, a hora da independência. Dos dois documentos que o Príncipe Regente recebeu nas margens do rio Ipiranga, e que o conduziram a decidir-se a romper, imediatamente, com as Côrtes, arrancando do bicórnio o laço português que a elas o unia, um pertence ao Ministro do Reino. É a mensagem decisiva no momento crucial da decisão. O Príncipe evoca uma das três divisas que inspiravam a sociedade secreta criada por seu Ministro, e lança o grito que selou a separação do Brasil de Portugal.

Poderia ter sido concluída aí a carreira política de José Bonifácio. E concluía bem. Tentou encerrá-la apresentando duas vezes sua demissão, porém as imposições o fizeram retroceder de seus propósitos. E o caminho da renúncia, que seria sua apoteose, se transformou na volta ao poder, que foi a sua expiação.

Sofreu, posteriormente, injustiças, agravos, indo do desacato ao calabouço, do insulto ao exílio. Em Bordeaux, depois de uma viagem acidentada, crivada de perigos e sustos, o sábio, que era também um artista se comprazia em traduzir as "Odes" de Virgílio, quiçá, para olvidar sua *odisséa*.

Alí escreveu, também, um livro publicado em 1825, e intitulado

“Poesias Avulsas”, com o pseudônimo de Américo Elísio.

Chamado novamente ao Brasil para encarregar-se da educação do Príncipe-Infante, o sábio retoma sua cátedra de mestre para modelar a cultura do Segundo Imperador. Não permitiram, porém, os acontecimentos, que êle prosseguisse no segundo ato de sua obra : — depois de formar o Império, a formação do futuro soberano.

Acusado de conspirador, é demitido do cargo e submetido a tribunal que termina absolvendo-o.

Em 6 de abril de 1838, com cerca de 75 anos, morre melancolicamente, num pacífico recanto de Niterói, livre de tôdas as prebendas que o destino lhe reservara.

Na última fase de sua existência, privado do poder e vítima dêle, seu passatempo favorito, para fugir dos homens, era, segundo se conta, sentar-se em frente à sua residência, na Rua Igá, e rodear-se das crianças do bairro, que lhe pediam, como se fôsse o avôzinho de todos êles : “Conta-nos uma história”.

Bondoso, cordial, acolhedor, o velho sábio atendia o pedido das crianças e lhes narrava, tôdas as tardes, as coisas que sabia.

Voltada a página do tempo, inverteteu-se o sentido da História : — hoje, são os filhos das crianças dêsse tempo que contam aos seus netos a vida daquêle velho e a grandeza daquêle sábio.

## “CONGRESSO”

... a mais pura das cervejas

exija, peça e beba

“CONGRESSO” ...

a cerveja que é um sucesso !!!